

Vivências sensoriais e a produção de sentidos a partir do som: Primeiros episódios.¹

Daniele Borges Bezerra (PPGAnt/ UFPel- Brasil)

Pedro Darlan (UFPel- Brasil)

Palavras-chave: Antropologia dos sentidos; Saúde Mental; Podcasts

Neste trabalho discutiremos, a partir de nossas primeiras experimentações, enquanto editores do Podcast Caraminholas², algumas ideias acerca da produção de sentidos relacionada à sonoplastia neste contexto narrativo em que se privilegia o som como meio de comunicação. Inicialmente pensado como dispositivo de restituição em processo, o podcast tornou-se, já em sua fase inicial, parte importante do campo de pesquisa, configurando-se como um meio privilegiado de interlocução, que ocorre sobretudo nos bastidores da produção, envolvendo pesquisadores, profissionais da saúde e clientes da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

O podcast Caraminholas situa-se entre o campo da Antropologia das Emoções e dos Sentidos e o campo da Antropologia da Saúde, como um espaço de divulgação e compartilhamento que pretende ultrapassar os limites acadêmicos, buscando uma aproximação entre a instituição de ensino e a sociedade de modo amplo. Além de ser fomentado pelo LEPPAIS, o projeto também se ampara em parcerias com a Unipampa de Uruguaiana e o Instituto Federal do Rio Grande do Sul envolvendo tanto estudantes e pesquisadores do campo antropológico, quanto docentes e profissionais da área da saúde e clientes da saúde mental que passaram por internações em instituições totais. Atualmente reconfiguradas em serviços culturais e substitutivos, amparados pela Lei 10.216/2019 da Reforma Psiquiátrica.

A partir de uma análise quantitativa e de um recorte etário e de gênero, observamos que nosso público compreende em sua maioria mulheres (61%) que têm mais de 18 anos, concentrando sua maior audiência entre mulheres dos 28 aos 44 anos, seguidas por homens (31%), gêneros não especificados e não binários. Nossa audiência é

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² O podcast Caraminholas é uma ação de extensão vinculada ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS), projeto de extensão permanente, criado em 2008 pela Profª. Drª. Cláudia Turra Magni, localizado no Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

99% brasileira, distribuída entre diversos estados, mas alcançou também países como Inglaterra, Itália, Colômbia e México.

Importante destacar que cada episódio conta com um intervalo poético, sessão destinada ao compartilhamento de textos poéticos e músicas, além de um espaço aberto no perfil do @Instagram (<https://www.instagram.com/podcastcaraminholas/>) para o compartilhamento de pinturas, desenhos, músicas e poesias produzidos pelas pessoas que compõem o coletivo.

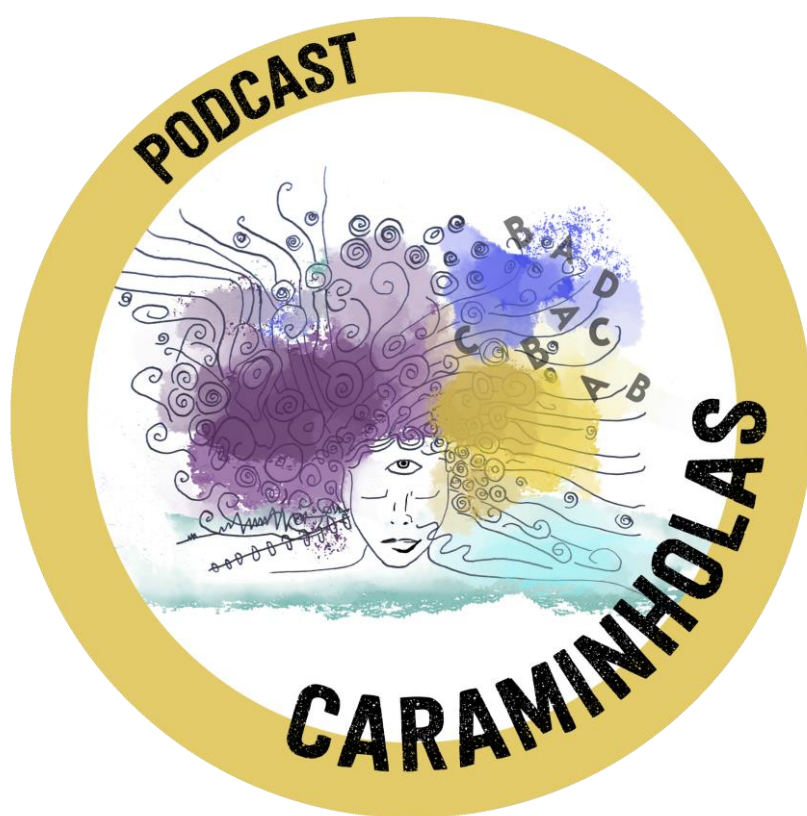


Imagem 1: Logotipo que identifica o podcast, criado pela pesquisadora Daniele Borges Bezerra.

Disponível em:

<https://open.spotify.com/show/2LT4R0bZftPxAIEOqZGHZv?si=fcda918835454e32>

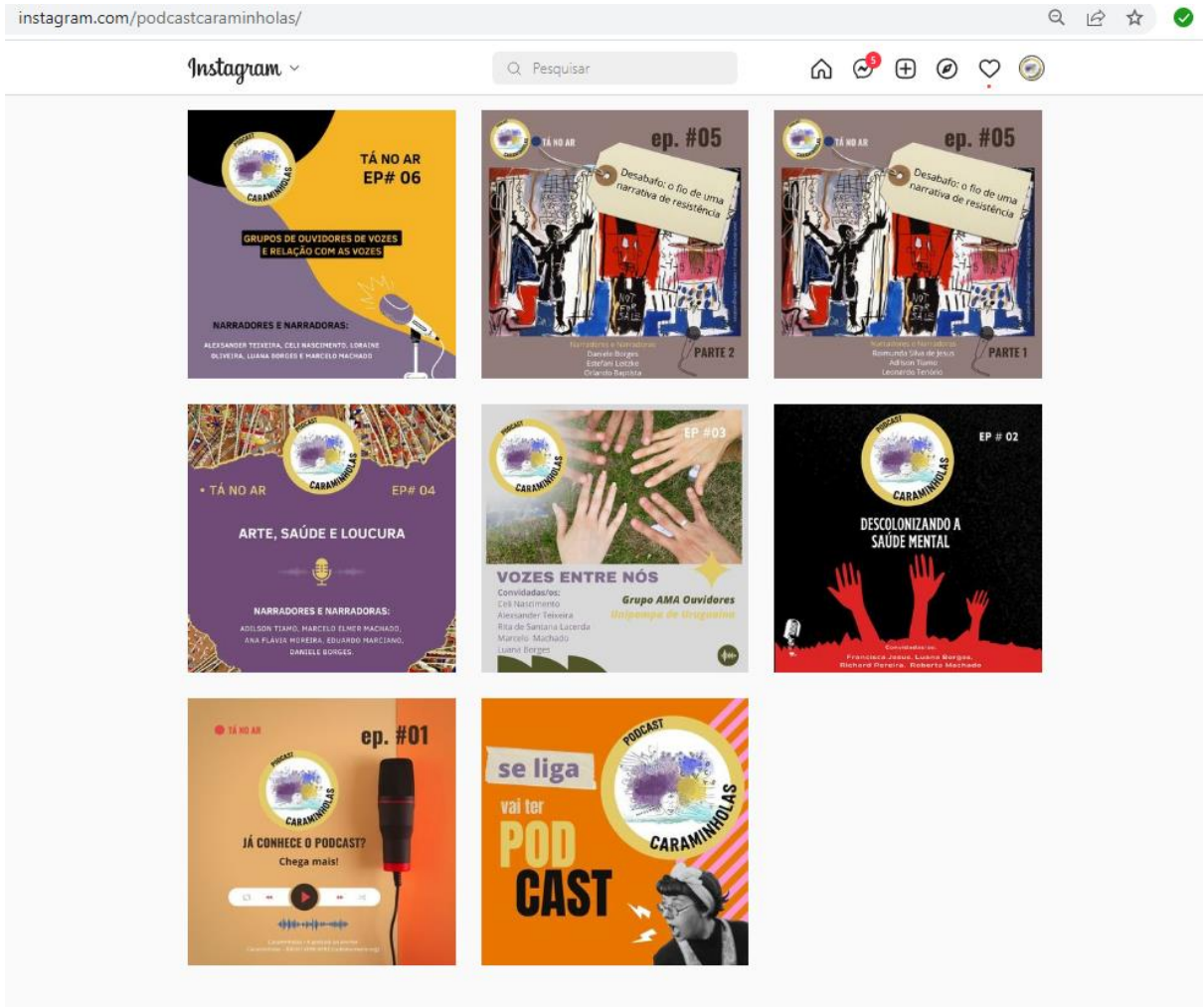


Imagem 2: Print de tela do perfil do podcast Caraminholas no Instagram onde se veem as capas dos 6 episódios publicados.

Cabe dizer que a identidade visual³ que apresenta o podcast, e é pensada para cada episódio, também busca produzir ressonâncias e reflexão sobre os temas candentes tratados, instigando desde sua divulgação, um tipo de experiência estética permeada pelo poético. Acreditamos que as poéticas compõem uma ética particular que nos convoca a tomar posição e em alguma medida nos transforma.

Nesse sentido, o logotipo do Caraminholas, criado pela primeira autora do trabalho, é em si uma tentativa de condensar poeticamente, o universo dos sentidos percebidos pelas pessoas Ouvidoras de Vozes que faz intuir desde esse primeiro contato com a marca, o tipo de abordagem que estamos buscando construir.

³ Contamos desde maio de 2022 com a extensionista voluntária do curso de antropologia, Kamila Ruiz, para a produção das capas de cada episódio. Esse processo também é compartilhado entre as pessoas que compõem o coletivo que sugerem imagens, opinam sobre as composições dos cards gráficos e sobre os próprios nomes de cada episódio, além de participarem dos episódios quando o assunto lhes interessa.

Cada episódio começa com uma ambientação sonora e com uma vinheta sonora produzida por Adilson Tiamo, morador do Rio de Janeiro, integrante do coletivo. Em nossos primeiros episódios utilizamos efeitos sonoros integrados às falas, buscando destacar ou agregar sentidos àquilo que estava sendo falado, no entanto, recebemos feedbacks desfavoráveis a essa metodologia, por participantes que sentiram que os sons desfocavam a atenção daquilo que estava sendo dito. Logo, passamos a utilizar efeitos sonoros apenas na transição entre as falas, na introdução e no encerramento. Nesse sentido, o formato do podcast tem sido moldado e vem ganhando corpo a partir das interações e percepções que ocorrem durante o processo compartilhado de criação. Apesar disso, continuamos a acreditar na importância da construção dessa ambientação sonora, o que nos conduzirá a novas experimentações em busca da mediação das vivências narradas, não apenas pela palavra, mas por sons que podem ser “lidos” de modo aberto.

Entendemos que ainda precisamos avançar nesta artesanaria experimental que envolve comunicar os temas em debate e ao mesmo tempo alcançar pelos sentidos a complexidade do que está sendo vivenciado em campo. Um desafio que se coloca desde o início da pesquisa e que diz respeito a como tornar tangíveis, em alguma medida, as experiências singulares e sem contornos que se apresentam ao longo da pesquisa. É por isso que a sonoplastia assume lugar de extrema relevância, porque não se trata de um podcast jornalístico, mas sim de um podcast com caráter narrativo que tem na composição sonora e na escolha dos elementos que se juntam à voz, uma forma de tornar tangível, por meio do sensível, algo que vem sendo tratado de modo duro pelas ciências biomédicas, ao longo do tempo.

Além de ser um espaço para ventilar a produção antropológica para além da academia (FLEISCHER, MANICA, 2021), o podcast Caraminholas está ética e politicamente engajado ao Movimento da Reforma Psiquiátrica e às Novas abordagens em Saúde Mental, onde se insere o Movimento Internacional de Ouvidores de Vozes (MIOV)⁴, ponto de partida para o trabalho de campo da pesquisa⁵ de doutorado da

⁴ Cabe ressaltar que o MIOV destaca a audição de vozes, por ser uma das experiências mais frequentes, mas quando falamos no Movimento ou em grupos de ouvidores de vozes, não nos limitamos a pensar apenas a percepção de vozes, ruídos ou sons que outras pessoas não percebem, mas também levamos em consideração a percepção de presenças, visões, toques, odores, intuição, premonições, sonhos, enfim, uma miríade de percepções hápticas e de modos de relação com o mundo que pressupõem uma agência maior dos sentidos e uma circulação por espaços pouco explorados pela consciência, a partir das vivências de cada uma.

⁵ O projeto, intitulado: “Afetos e afecções nas experiências dos Ouvidores de Vozes. Resistência

primeira autora, meio que permite o acesso à interlocutores privilegiados (WAGNER, 2010 [1975]; TURNER, 2005 [1967]). Logo, os debates refletem (e refratam) sobre a descolonização (FANON, 1968; MEMMI, 2021) da Saúde Mental (SM), o fortalecimento das novas abordagens em SM, a valorização e a transmissão das vivências, a defesa dos direitos, a dignidade e a autonomia de quem busca outras explicações — que não apenas a biomédica — para os acontecimentos em sua vida.

Esse é o princípio do MIOV, fornecer espaço para a escuta e para a troca de experiências que permita às pessoas, tanto se identificar, quanto desmistificar as suas experiências, compreendendo que elas são mais comuns do que supunham. Esse tipo de troca, implícito nos grupos de auto e mútua ajuda, fortalecem o protagonismo desses corpos e subjetividades dissidentes, sejam elas clientes da saúde mental ou não, auxiliando-as a identificar estratégias para lidar com suas experiências, a partir dos diversos significados possíveis que cada pessoa pode encontrar para a sua experiência. Ademais, o que a psiquiatria tradicional considera “sintoma” pode ser visto como uma espécie de ruptura/suspensão ou limite entre o fluxo repetitivo e homogeneizante imposto pelo cotidiano moderno, e o mundo sensorial de cada pessoa, perpassado por emoções (Cf. REZENDE; COELHO, 2010; LE BRETON, 2019), e a diferentes tomadas de posição frente ao seu meio social. Sobre a experiência da audição de vozes, não vivenciadas por todas as pessoas, consideramos que nem sempre o ato de ouvir está condicionado a um estímulo externo, como convencionamos (Cf. INGOLD, 2008).

Constantemente, as sensações mesclam atos perceptivos, vivências e imaginação. É nesta direção que nos propomos a colocar em cena narrativas acerca de percepções que a psiquiatria tradicional silencia ao atribuir-lhes o estatuto de sintoma. Mas mesmo se pensarmos as experiências enquanto sintomas, percebemos que elas dizem algo que precisa ganhar vazão e receber algum tipo de acolhimento para que possam ser ressignificadas. Os sintomas (Cf. DIDI-HUBERMAN, 2015) informam sobre maneira sobre a cultura na qual são produzidos. Sinteticamente o Caraminholas valoriza os diversos significados dados por cada pessoa às suas experiências com os sentidos, considerando com Roy Wagner (2010), que a cultura é um terreno de invenções em constante elaboração. Importante ressaltar que nem todas as pessoas que participam do

e (re) invenção em narrativas alternativas ao conhecimento biomédico” está inserido na linha de pesquisa Comunidade, Rede e Performance e é orientado pela professora Dra. Cláudia Turra Magni.

podcast participam do MIOV, mas compartilham das mesmas aspirações do movimento no que diz respeito à autonomia, dignidade e reconhecimento da singularidade humana.

Além disso, optar por essa mídia digital que prioriza o sonoro, exprime nosso desejo de construir formas de narrar que sejam capazes de abarcar a complexidade do campo, sobretudo em sua dimensão sensorial. E quando falamos nessa nova tecnologia da comunicação e da informação, inserida no que hoje podemos chamar de “podosfera” (OLIVEIRA; TITONELLI; FONSECA; SAFATLE, 2022) não enfatizamos apenas as percepções sonoras em si. Pois, estamos lidando com a possibilidade de criarmos imagens mentais, disparadas por “ambiências sonoras” (INGOLD, 2015), que produz sentidos em cada espectador, a partir de seus repertórios e vivências. Gostamos da definição de ambiência porque, como o som e as vivências, ela não é estática, mas nos introduz em uma espécie de clima imagético, perpassado por emoções, memórias e imaginação.

Nosso conhecimento sensível do mundo se desenvolve à medida que nossas percepções sensoriais se tornam experiências, de acordo com o valor social que lhes é atribuído. Nessa direção, Classen (1993) evidencia que os sentidos estão inseridos em conjuntos de significação culturais específicos que determinam nossos modos de relação, mediando corpos e subjetividades. Como o campo tem falado, nas culturas ocidentais se preconiza a razão, a objetividade, e encontramos poucos espaços para uma compreensão mais ampliada da experiência humana com o mundo. Há uma grande resistência por parte das culturas ocidentais a abrirem-se para a produção de significados alternativos aos diversos fenômenos para os quais não se tem uma resposta única e objetiva. É por isso que é comum ouvirmos de modo jocoso que fulano ou sicrano está ouvindo vozes, “coisas da sua cabeça” e desacreditá-lo por isso. O podcast, pelo contrário, faz ressoar as caraminholas nas nossas cabeças, sejam elas percebidas e compartilhadas por outras pessoas ou não.

Em choque com a dita “cultura da normalidade” (DINIZ, BARBOSA, SANTOS, 2009, p.69), o podcast também objetiva, portanto, desmistificar algumas premissas carregadas de preconceitos, aproximando o público leigo das vivências e narrativas das pessoas que têm experiências sensoriais para relatar, e ainda aproximar pessoas que foram capturadas pelo discurso da psiquiatria tradicional, dessas narrativas insubmissas, oferecendo-lhes outras formas possíveis de compreender as próprias experiências. Afinal, partindo da premissa, de que as pessoas “[...] habitam universos sensoriais diferentes” (LE BRETON, 2016, p.17), e compreendendo os sentidos enquanto fenômenos da percepção, que são significados a partir de um ponto de vista cultural (CLASSEN, 1993,

1997; HOWES, 2019), podemos destacar outras possibilidades de significação e relação com as experiências sensoriais de cada pessoa.

Ademais, ao deslocarmos as vivências sensoriais do seu contexto significativo tradicional, sintomático e negativo, para pensá-las enquanto variações da experiência humana, parece fundamental pensarmos o tipo de experiência sonora que cada episódio oferece. Pois, os estímulos auditivos, sejam eles ruídos ou melodias que se associam às vozes das distintas pessoas interlocutoras, despertam sensações arquivadas em nossa memória que, ao serem evocadas, criam uma ambiência emocional imersiva que atua sobre os sentidos transmitidos. E isso será determinante para o tipo de narrativa que estamos construindo e sobre o modo como o público recebe tal narrativa. Assim, além de não estereotipar a narrativa é necessário que ela faça sentido tanto para quem vive as vivências narradas, quanto para quem não está familiarizado com o tema.

Portanto, os aspectos relacionados à sonoplastia, ou a montagem sonora que reúne vozes e sons, não são menos importantes que as informações comunicadas ao longo do episódio, mas somam-se a elas. Pois, é a partir da construção de uma ambiência sonora (VEDANA, 2018; INGOLD, 2015), que vai sendo modelada de modo colaborativo na edição, que convidamos os ouvintes a imergir no ambiente que conecta as nossas subjetividades às suas, fazendo interagir informação, percepção e imaginação. As imagens mentais criadas a partir do som, sugerem percursos imaginativos que produzem sentidos e quando pensamos na articulação entre as dimensões ética, poética e política do fazer antropológico precisamos problematizar toda produção de sentido e suas possíveis reverberações, sobretudo em se tratando de narrativas com potência dialógica.

É nesse sentido que percebemos na produção do podcast Caraminholas o mesmo teor provocativo e desconcertante de Jean Rouch, pois através dele buscamos desconstruir a ideia de normalidade, desacomodando as certezas que porventura os espectadores possam ter em relação ao que convenciamos chamar de loucura, quiçá gerando uma transformação subjetiva e política no que concerne à cultura da normalidade. Pois como diz Rose Satiko, citando Stoller, o objetivo de Rouch “[...] não é recontar, mas apresentar um conjunto de imagens desconcertantes, provocadoras, que objetivam transformar a audiência psicologicamente e politicamente. Rouch queria transformar seus espectadores, mudar suas certezas culturais” (HIKIJ, 2013, p.02). Em se tratando do podcast Caraminholas buscamos afetar as pessoas de modo a interferir sobre as concepções hegemônicas sobre normalidade e loucura, revelando alternativas de significação cultural àquelas apontadas pela Psiquiatria tradicional em seus vestígios coloniais.

Estes são, enfim, os primeiros episódios de um processo de experimentação e descobertas, no qual nos vemos imersos, que está apenas começando.

Referências

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Invenção da histeria**: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

DINIZ, Debora. Ética na pesquisa em ciências humanas: novos desafios. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, Abr. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/i/2008.v13n2/> Acesso em ago. de 2022.

INGOLD, Tim. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. **Ponto Urbe**. São Paulo, v. 3, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1925>. Acesso em jan. de 2021.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. **Antropologia para que serve?** Petrópolis: Vozes, 2019.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação**. Porto Alegre, v.39, n.3, set./dez. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/21690>. Acesso em ago. de 2022.

HIKIJ, Rose Satiko. Rouch compartilhado: Premonições e provocações para uma antropologia contemporânea. **Iuminuras**. Porto Alegre, v.14, n.32, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/37743>. Acesso em ago. de 2022.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis: Vozes, 2016.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

OLIVEIRA, Ana; TITONELLI, Bruner; FONSECA, Marina; SAFATLE, Yazmin. **Do subsolo para a podosfera**: Conversas da Kata In MANICA, Daniela Tonelli; PERES, Milena; FLEISCHER, Soraya (orgs.). No ar: Antropologia- histórias em podcast. Campinas: Pontes editores, 2022.

REZENDE, C.; COELHO, M. C. As emoções nas sociedades ocidentais modernas. In: **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos**: Aspectos do ritual Ndembu. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2005.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

MANICA, Daniela Tonelli; PERES, Milena; FLEISCHER, Soraya (orgs.). **No ar: Antropologia**- histórias em podcast. Campinas: Pontes editores, 2022.